

## SEGREGAÇÃO E VIDA FAMILIAR NA PÓS-ABDIÇÃO DO PRIMEIRO REINADO (1831-4)

Samuel Gomes Barcellos – PPG/ UEM.

*“Ao despertar do sono inocente, nessa manhã de 7 de abril de 1831, o pequeno Príncipe, que dormia numa câmara de São Cristóvão, acordou Dom Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil, pela vontade de Deus e unânime aclamação dos Povos. Faltavam-lhe somente os santos óleos da coroação”<sup>1</sup>*

### Introdução

A abdicação do Império não se manifestaria como uma atitude súbita. A renúncia era para Dom Pedro I como um ato de divórcio de uma experiência de governo de nove anos, em que se forjara como homem capaz de se impor contra as intempéries dos interesses particulares, assumindo uma atitude negativa e de franca oposição às mordazes articulações incididas sobre ele na Câmara.<sup>2</sup>

Foi em conseqüência de uma polêmica gerada por sua constante interferência nos assuntos de Portugal, bem como reflexo das adicionais difamações sobre sua disputa particular pela sucessão ao trono lusitano, em favor sua filha, Maria da Glória - na qual o imperador se viu forçado a expressar ásperas repreensões ao irmão, tendo-o como usurpador de um direito - se mostrou agredido, no Brasil, pela manifestação pública de uma franca irritação popular que se fez exhibir numa visita feita por este nas Minas Gerais, em março de 1831, quando se viu fragilizado, em sua brasilidade recente, pelo impacto da expressão do sentimento anti-lusitano, compactuado, certamente, também por uma diversidade quase sem fim de populares e lideranças locais nas demais províncias.<sup>3</sup>

Dom Pedro viu-se impelido a deixar o cargo de imperador para regressar à Europa, onde iria dedicar-se exclusivamente na negociação do auxílio político e financeiro a ser acordado com ministros de Estado da Inglaterra e da França, para organizar e fazer desembarcar tropas no Algarve, na praia de Armosa de Pampelido, com a finalidade de se dividirem a partir daquele lugar para mover cercos armados sobre as cidades do Porto e de Lisboa. Abdicando informalmente, portanto, em São Cristóvão, sua primeira atitude foi a de

pedir auxílio aos encarregados de negócios com a Inglaterra e França, para retornar à Europa, comunicando sua decisão de deixar o Brasil.<sup>4</sup>

Dom Pedro reuniria seu grupo de acompanhantes, incluindo sua esposa e duas filhas, para retornar ao Rio de Janeiro.<sup>5</sup> Embarcaria no navio inglês Capitânia, disposto na foz de um rio, local em que teria redigido a carta na qual oferecia a José Bonifácio a tutela de seus filhos.<sup>6</sup> Passados uma fração de dias, já na capital do Império, redigiria a carta da abdicação, nomeando Pedro II seu sucessor ao trono do Império do Brasil. Redigiria também outra carta com o propósito de despedir-se dos amigos que iria deixar, uma vez que, entre 7 e 8 horas da manhã, no dia 12 de abril de 1831 embarcaria na nau inglesa Warspites, chegando no porto de Cherburgo, França, no dia 10 de junho do mesmo ano, quando fora *“(...) recebido pelo prefeito marítimo e pelo coronel da guarda nacional, na qualidade de príncipe itinerante de Bragança.”*<sup>7</sup>

O ex-imperador Dom Pedro I não retornaria mais ao Brasil. Não veria mais os filhos que deixara sob a tutela de Bonifácio. Houve, na esfera da vida privada, no dia 12 de abril de 1831, um rompimento muito mais doloroso do que o inscrito no ato da abdicação do Império: era o distanciamento da relação direta que tinha na convivência e na criação dos filhos, Pedro II, Francisca, Paula e Januária, em prol de uma necessária articulação militar que visava a garantia da sucessão de Maria da Glória ao trono de Portugal, através do destronamento de Dom Miguel.

### **Reflexões e saudades, a bordo da nau Warspites e da corveta Volage**

*“Principiei a escrever a [sic] Vossa Majestade Imperial pela minha própria letra, mas não pude acabar. Entrei a chorar, a tremer-me a mão e não pude. Remeto a prova da minha verdade o princípio que tinha feito. Eu todos os dias rogarei ao céu pelo melhor dos pais que a minha desgraça tão cedo me fez perder. Sempre serei obediente filho e seguirei os ditames de meu augusto pai. Beijo as augustas mãos de Vossa Majestade Imperial como obediente e amante filho. Pedro. P.S. As minhas criadas todas beijam a mão de Vossa Majestade Imperial com o maior respeito e saudade.”*<sup>8</sup>

O ex-imperador Dom Pedro recebeu a carta do filho, e, ao ler a expressão da fragilidade e da surpresa do mesmo por sua partida, chorou profundamente a bordo da nau Warspites, quando se preparava para deixar definitivamente o Brasil. Responderia ao filho compartilhando do seu sofrimento, destacando que era necessário ir, para que o Brasil pudesse sossegar.<sup>9</sup> Logo embarcaria na corveta Volage para seguir viagem à Inglaterra, quando, poucos dias antes de completar a travessia, lhe escreveria novamente para trazer notícias, e fazendo previsões negativas sobre a governabilidade do Império do Brasil e do risco de fragmentação política.<sup>10</sup>

### **As negociações de um Bragança**

Dom Pedro, duque de Bragança, desembarcaria no porto francês de Cherburgo, na região da Normandia, junto ao Canal da Mancha. Havia planejado seguir viagem com destino à Paris, onde lhe aguardava Luís Felipe de Orleans, rei da França. No entanto, motivado pela garantia de receber efetivo apoio para articular sua missão militar em Portugal, preferiu partir para Londres, na companhia e auxílio do Marquês de Rezende, antigo ministro do Brasil em Paris, chegando à capital inglesa em 26 de junho de 1831, sendo recebido por Lorde Palmerston, e pelo Rei St. James.<sup>11</sup> O ex-imperador só conseguiria principiar negociações substantivas na noite de 21 para 22 de julho, numa reunião na casa de campo do rei inglês em Windsor. Foram convocados ao comparecimento, no dia 23 de julho, os negociantes portugueses estabelecidos em Londres, mas o auxílio financeiro oferecido ao ex-imperador do Brasil mostrou-se ínfimo.<sup>12</sup> Dom Pedro viajaria para a França, à pedido de Luís Felipe, e retornaria à Inglaterra, empreendendo negociações constantes.<sup>13</sup> Se não faltavam convites para jantares, passeios, faziam-se escassas as perspectivas se obter o numerário de que precisava. Desiludido, voltaria para Paris onde permaneceria por mais de seis meses. Somente no dia 11 de dezembro de 1831 o projeto militar de Dom Pedro passaria a se esboçar no campo da realidade: estava enfim

autorizado o tão esperado empréstimo, resultado da iniciativa francesa e israelita-espanhola.<sup>14</sup>

### **Correspondência familiar no cotidiano militar de Pampelido**

A partir da autorização do empréstimo, o Duque de Bragança, ex-imperador do Brasil, passaria a cuidar dos preparativos efetivos, como a organização das tropas e dos navios, junto aos comandantes, articulando a meta traçada de desembarque no Algarve, e os cercos que seriam realizados sobre as cidades do Porto e Lisboa.

A entrada sobre o Porto ocorreria no dia 8 de Julho de 1832, concentrando-se inicialmente nos Paços do Conselho, na “Praça-Nova”, ocasião em que diversos presos políticos, subjugados pelo governo tirano foram livres do cárcere. Ao fim de quarenta e oito horas, houve a dispersão das tropas defensoras da usurpação miguelista pelo Exército Libertador, e organizara-se ali a base das operações que planejava a execução do cerco sobre Lisboa, cuja vitória definitiva seria conquistada no dia 2 de dezembro de 1833.

Em meio ao conflito militar, foram várias as cartas travadas entre Dom Pedro e seus filhos no Brasil. Certamente teremos que restringir nossa análise concentrando a interpretação nos fragmentos de duas delas: ambas foram escritas pelo ex-imperador do Brasil, Duque de Bragança, da cidade de Lisboa no ano de 1833, como resposta às remetidas por seus filhos, sendo a primeira datada de 3 de agosto, e a segunda de 17 de outubro.

Lendo-se a de 3 de agosto<sup>15</sup>, nota-se que o ex-imperador vibrava com as sucessivas vitórias que obtinha, referindo-se à cidade do Porto, que sendo conquistada, possibilitou-lhe a estabilidade para prosseguir na condução da ação armada sobre Lisboa. A perda de homens nas tropas do Exército Libertador teria sido de 300 para 600 do exército miguelista. Em meio a esse cotidiano, as cartas dos filhos causavam profunda saudade no ex-imperador, que retornava suas respostas aos mesmos, primando prestigiar à distância ocasiões tais como o aniversário da filha Francisca.

A Carta de 17 de outubro<sup>16</sup> revela que os filhos, distantes da mãe a muitos meses, procuravam demonstrar suas lembranças ao aniversário da mesma, ocasião na qual Dom Pedro também se via separado de sua esposa - que permanecera na Inglaterra com a filha, Maria da Glória - em decorrência do trabalho junto das tropas do Exército Libertador. Partilhava, certamente, da mesma dor manifestada pelos filhos e lamentava o incômodo dessa segregação. O ex-imperador manifestava o sonho de rever o Brasil e de ter reconhecido novamente seu mérito como agente concesso da independência ao império brasileiro. Via-se Dom Pedro orgulhoso por liderar uma ação militar vitoriosa em Portugal, podendo, antes mesmo de seu término, vislumbrar a certeza do êxito, embora estivesse pronto para combater os possíveis ataques de resistência. E, já no final do segundo fragmento, vê-se o agradecimento do ex-imperador às lembranças de José Bonifácio, que, como seus filhos, preocupava-se em dispensar atenção ao aniversário de Dona Amélia.

### **Considerações finais**

Mesmo que nos falte a profundidade e o espaço aqui necessários, procuramos esboçar a trajetória das motivações da abdicação e da viagem feita pelo ex-imperador proporcionando, pouco acima, neste final, uma mostra da análise de duas das cartas do ex-imperador aos filhos no Brasil, destacando a preciosidade das informações colhidas numa dupla esfera de significância: a reflexão acerca da obtenção do empréstimo nas negociações com as monarquias inglesa e francesa, com o planejamento efetivo da ação militar sobre o Porto e em Lisboa, e, neste ínterim, a expressão do desconforto no distanciamento dos laços da família imperial com reflexão expressa em tais manuscritos.

### **Notas**

<sup>1</sup> Alberto Rangel em sua obra *A Educação do Príncipe*. Apud DEBRET, Jean Baptiste. *Viagem Pitoresca e Histórica ao Brasil*. São Paulo: Ed. Martins, 1975.

<sup>2</sup> Dom Pedro I fez-se defensor perpétuo do Brasil, em 13 de maio de 1822, revelando-se, à primeira vista, como um “jovem e inexperiente soberano, casado a quatro anos e pai de família, nomeado regente em 1821, atingia assim o poder supremo sem ter tido jamais a oportunidade de assistir ao Conselho de Estado de seu pai” Op. Cit. DEBRET, 1975; p. 85. Reuniu, a 3 de maio de 1823 os deputados das diferentes províncias para a tarefa de redigir a carta da primeira Constituição do

Império independente. Nessa ocasião, em meio a manifestações contrárias ao seu interesse, viu-se no dever de impor seu poder dissolvendo a Assembléia Constituinte, condenando ao exílio vários de seus membros ilustres. Dom Pedro I fez-se imperador num sentido estrito, e por próprio mérito, à contingência de um isolamento necessário e que lhe conferiu a má fama de absolutista: “*O golpe de Estado aumentou momentaneamente o poder do Imperador, mas ao mesmo tempo o isolou do povo estupefato e alarmado por se ver repentinamente privado da dedicação patriótica que tentara e conseguira a independência do território nacional.*” p. 85.

<sup>3</sup> Após a dissolução da Assembléia, os brasileiros começaram a se afastar do soberano. Nesta época fermentavam no cotidiano as idéias de federalismo, e Dom Pedro sentiu a necessidade de promover a aceitação do poder constitucional através de uma viagem, na companhia da Imperatriz e serviçais, para a qual escolheu a província das Minas, ficando hospedado em sua propriedade em Vila Rica, prosseguindo de lá para São Cristóvão, em março de 1831; percebeu, quando chegou, que havia algumas demonstrações de entusiasmo, mas das quais o povo não participava. Nesta cidade, São Cristóvão, certamente não receberia a alegria que lhe haviam demonstrado em Vila Rica, mesmo que se tenha promovido uma reação contra a conduta negativa dos brasileiros naquela localidade: “*Os partidários do imperador, indignados com a frieza dos brasileiros, esforçaram-se durante vários dias seguidos por contrariá-la com demonstrações de exagerada alegria, o que, como é natural, provocou distúrbios*” Op. Cit. DEBRET; p. 87. Tais manifestações de desagrado não representariam ameaça se não houvessem desencadeado ações violentas como estas e outras mais adiante: “*Quebraram-se os vidros das casas iluminadas e muitas pessoas foram feridas ou mortas. Todos se queixavam abertamente da influência usurpadora dos portugueses no Brasil.*” p. 87. Dom Pedro interpretou tais ações como uma retaliação ao fato de ter afastado do cargo, naquele mês, o presidente da província das Minas, devido à inépcia que verificava sobre os cortesãos, da qual se dissera suscetível. Pareceu-lhe tal agressividade como uma reação contra sua postura absolutista. Tentou amenizar as tensões compondo um novo ministério estrategicamente composto apenas por liberais, mas tal agrado político não fez esfriar os ânimos dos populares, e as desordens violentas prosseguiram sem ter quem as fizesse cessar, o que causou fragilidade em Dom Pedro diante do despreparo das autoridades para impor a ordem local. Diante de tal situação, o Imperador arrependeu-se de ter nomeado liberais e, destituindo-os, nomeou absolutistas, o que fez aumentar no povo a reação de repúdio com ações ainda mais violentas: “*(...) bandos de mulatos percorreram as ruas das cidades de armas na mão; algumas pessoas foram mesmo assassinadas.*” p. 87.

<sup>4</sup> “[...] Era mais de meia noite: o Imperador convocou os encarregados de negócios da Inglaterra e da França, aos quais comunicou sua decisão, solicitando assistência para seu regresso à Europa.” Op. Cit. DEBRET; p. 87.

<sup>5</sup> “(...) a 7 de abril de 1831, Dom Pedro embarcou em São Cristóvão com a Imperatriz, a jovem rainha de Portugal, uma de suas irmãs e certo número de pessoas do seu séquito. [...]” Op. Cit. DEBRET; pp. 87-8.

<sup>6</sup> “*Na escolha, deu prova de justiça e gratidão*”. Op. Cit. DEBRET; p. 88. É o que afirma Debret acerca da relação de amizade construída entre Dom Pedro II e José Bonifácio: “*José Bonifácio de Andrada foi quem conduziu o Brasil à emancipação e foi quem ergueu o trono imperial para nele colocar Pedro I*” p. 88. E é a mesma gratidão e amizade que se verifica nas palavras de Dom Pedro quando escrevia à José Bonifácio, solicitando-o como tutor: “*Tendo maduramente refletido sobre a posição política deste Império, conhecendo quando se faz necessária a minha abdicação e não desejando mais nada neste mundo senão glória [grifos de Dom Pedro I] para mim e felicidade para a minha pátria, hei por bem, usando do direito que a Constituição me concede no capítulo 5º, artigo 130, nomear, como por este meu imperial decreto nomeio, tutor de meus amados e prezados filhos o muito probo, honrado e patriótico cidadão José Bonifácio de Andrada e Silva, meu verdadeiro amigo. Boa Vista, aos seis de abril de mil oitocentos e trinta e um. Décimo da Independência e do Império. Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil.*” Op. Cit. 06/04/1831 – Decreto de d. Pedro I – Nomeando José Bonifácio de Andrada e Silva tutor dos príncipes. IN Horta, Maria de Lourdes Parreiras; Argon, Maria de Fátima Moraes; Costa, Neibe Cristina Machado da (Coords.) *Pedro I: um brasileiro*. Rio de Janeiro: Petrópolis: Museu Imperial, 1998. CD-ROM. Contém a cópia digitalizada dos manuscritos originais de Dom Pedro I.

<sup>7</sup> Op. Cit. DEBRET; p. 88.

<sup>8</sup> Op. Cit. [1831-] *Carta de d. Pedro II a d. Pedro, duque de Bragança – dizendo que rogará ao céu por ele e que será sempre obediente seguindo seus ditames*. IN Horta, Maria de Lourdes Parreiras;

Argon, Maria de Fátima Moraes; Costa, Neibe Cristina Machado da (Coords.) *Pedro I: um brasileiro*. Rio de Janeiro: Petrópolis: Museu Imperial, 1998. CD-ROM.

<sup>9</sup> “Meu querido filho e imperador. Muito lhe agradeço a carta que me escreveu. Eu mal pude ler porque as lágrimas eram tantas que me impediam de ver. Agora que me acho, apesar de tudo, um pouco mais descansado, faço esta para lhe agradecer a sua e para certificar<-lhe> que enquanto vida tiver, as saudades jamais se extinguirão em meu dilacerado coração. Deixar filhos, pátria e amigos, não pode haver maior sacrifício, mas levar a honra ilibada, não pode haver maior glória. Lembre-se sempre de seu pai, ame a sua e a minha pátria, siga os conselhos que lhe derem aqueles que cuidarem na sua educação e conte que o mundo o há de admirar, e que eu me hei de encher de ufania por ter um filho digno da pátria. Eu me retiro para a Europa, assim é necessário para que o Brasil sossegue, o que Deus permita e possa para o futuro chegar àquele grau de prosperidade de que é capaz. Adeus, meu amado filho. Receba a bênção de seu pai que <se> retira saudoso e sem mais esperanças de o ver. Dom Pedro de Alcântara. Bordo na nau Warspites, 12 de abril de 1831.” Op. Cit. 12/04/1831- Carta de d. Pedro, duque de Bragança, a d. Pedro II – falando do sacrifício de deixar os filhos, a pátria e os amigos. IN Horta, Maria de Lourdes Parreiras; Argon, Maria de Fátima Moraes; Costa, Neibe Cristina Machado da (Coords.) *Pedro I: um brasileiro*. Rio de Janeiro: Petrópolis: Museu Imperial, 1998. CD-ROM.

<sup>10</sup> No primeiro trecho de sua carta, Dom Pedro, então príncipe itinerante de Bragança, revela que houvera desconforto na viagem, em decorrência de um temporal: “A bordo da Volage, 6 de junho de 1831. Meu querido filho e imperador. Depois de uma viagem de [espaço em branco] em que apanhamos um grande temporal (...). Eu e a mamãe estamos bons. Ela bastante sofreu durante a viagem, mas, depois de nos refrescarmos no Faial (...), tem passado melhor.” Na continuidade do documento, o ex-imperador parecia atormentado pela memória de sua abdicação, se dizia convicto de que não havia nele arrependimento, mas que, como se quisesse poder alertar quanto aos perigos, procurou esboçar uma negativa previsão acerca dos riscos que poderiam sobrevir no período da regência que se faria durante a menoridade do filho: “Deus queira dar força moral à regência para que possa para o futuro entregar-te o cetro e a coroa tão inteira como eu a abdiquei, e será isto possível? Sim, mas não é provável. Onde está este fantasma, o prestígio, nos membros da regência? Onde está a opinião pública interessada por manter o governo? [...] Decerto a Assembléia caprichará em salvar a pátria, mas, desgraçadamente nada fará, por que de que servem leis sem costumes? Não obediência, não respeito às autoridades, não ordem, tudo é confusão, tudo será anarquia, e se pelos antecedentes se podem ver as conseqüências, eu vejo a destruição do grande Império do Brasil muito próxima, pelo menos desta Constituição única (...)” Dom Pedro termina seu desabafo preocupado com a dureza de suas palavras, já que remetia sua fala ao filho, de apenas 13 anos de idade; procurou, como veremos no trecho final, amenizar, como se quisesse confessar que, independentemente das suas conjecturas, somente o tempo poderia confirmar a sorte e o futuro do Império brasileiro: “Basta, meu querido filho, a tua minoridade deveria fazer me conter, mas não é bom profetizar para que a todo tempo se saiba como pensava teu pai, que muito o ama”. Op. Cit. 06/06/1831- Carta de d. Pedro, duque de Bragança, a d. Pedro II – Comentando a viagem e falando do amor que sente pelo Brasil. IN Horta, Maria de Lourdes Parreiras; Argon, Maria de Fátima Moraes; Costa, Neibe Cristina Machado da (Coords.) *Pedro I: um brasileiro*. Rio de Janeiro: Petrópolis: Museu Imperial, 1998. CD-ROM.

<sup>11</sup> “Quase um mês se demorou D. Pedro em Londres – de 26 de junho a 23 de julho. Foram quatro semanas consagradas a visitas, conversas e festas oficiais. Logo no dia da chegada, Lorde Palmerston procurou-o no Clarendon Hotel, assim como um oficial da casa real, sendo outro posto à sua disposição. A 27 o ex-imperador foi recebido por Palmerston e a 29 pelo rei, em Sr. James, para onde se transportou em coche magnífico mandado pelo soberano britânico. A Guilherme IV, segundo pepoimento de Abreu de Lima, D. Pedro logo falou no negócio político da filha, dizendo que o amor de pai o forçava a não atender a outras considerações. Que lhe desculpasse o rei a precipitação. Acrescentou que só à Inglaterra cabia participar da Questão Portuguesa, mas não requeria apoio direto para derribar o usurpador. Poderoso auxílio, de largo efeito, seria mandar o governo britânico buscar D. Maria II em Cherburgo, num vaso de guerra. Guilherme IV, que reinava e não governava, respondeu habilmente que tinha esperança de que tudo terminasse da melhor maneira e, oferecendo a D. Pedro um palácio para residência, carruagem e cavalos, deu na noite de 29 uma recepção em sua honra, presente toda a corte.” Op. Cit. SOUZA, Octávio Tarquínio de. *A Vida de Dom Pedro I* – Tomo III. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1972. Pp. 58-9.

<sup>12</sup> “Novo convite dirigiu o rei a D. Pedro, desta vez para passar um dia em sua casa de campo, em Windsor, lá dormindo a noite de 21 para 22 de julho. Houve uma reunião a que compareceram todos os ministros e é de se presumir-se que se tenha tratado da Questão Portuguesa, à vista do

que fez o ex-imperador mal regressou ao Hotel Clarendon: convocar para o dia 23 todos os negociantes portugueses estabelecidos em Londres, a fim de obter os recursos necessários à sonhada expedição contra o governo usurpador. Grande decepção: chamados mais de quarenta, compareceram apenas vinte e um capitalistas e destes só quatro se prontificaram a entrar com quantias ínfimas. Esbarrava D. Pedro num dos maiores obstáculos da campanha libertadora: a míngua de recursos pecuniários.” Op. Cit. SOUZA, p. 162.

<sup>13</sup> “A versão da irmã do rei dos franceses é confirmada pelo Conde de Lavradio. Narra este que, estando em Cherburgo, onde fora ao encontro de Maria II, se avistara com D. Pedro, ali chegado da Inglaterra na tarde de 24 de julho, e este lhe participara que partiria a 25 para Paris, a fim de cumprimentar Luís Felipe, fazendo-lhe sentir que gostaria de tê-lo na sua companhia (...). O Conde de Lavradio menciona expressamente o convite que fora dirigido ao ex-imperador do Brasil e diz ainda que este mereceu de Luís Felipe todas as honras e obséquios, guarda à porta da casa onde se hospedou, carruagens e cavalos à sua disposição e teve a acompanha-lo o general Barão Athalin, ajudante de ordens do rei.” Op. Cit. SOUZA, p. 166. O ex-imperador não teria êxito nas primeiras negociações mediadas pelo governo francês à sua causa. Em resumo, regressaria à Inglaterra e retornaria pouco mais tarde à França, onde permaneceria por mais tempo, embora não viesse a colher resultados quanto à efetividade do empréstimo de que necessitava: “Ainda que D. Pedro quisesse escapar ao papel que lhe ia tocar na defesa do trono de Maria II, as circunstâncias não lhe permitiriam, sem grande desdouro, essa evasão. De todos os lados um cerco de apelos, pedidos e até intimações o premia a não retardar mais a expedição reivindicadora. Nem ele quedava indiferente, nem os mais prodigiosos adeptos se conservavam inativos. Ao contrário, as diligências continuavam com afinco e tudo dependia da obtenção de recursos, do arranjo do dinheiro indispensável à mobilização de tropas e navios.” Op. Cit. SOUZA, pp. 183-4.

<sup>14</sup> “A 11, [de dezembro] o Duque de Bragança foi à missa em São Felipe de Roule e recebeu de volta, na Rua de Courcelles, o Almirante Sartorius, vindo de Belle-Isle, e com ele se entreteve em conversa até no meio-dia. (...) Á noite fez uma sessão de música. O encontro com Sartorius era sinal de que a expedição contra D. Miguel passara do terreno simples plano e conjectura para o da realidade. Conseguira-se afinal o tão desejado empréstimo, não a do tesouro britânico (...), nem tampouco por subscrição de patriotas constitucionais (...) mas por intermédio de homens de negócios estrangeiros, o francês Ardoin e o israelita espanhol Mendizabal, este último agindo também movido por impulso idealista, visto que, liberal sincero, fiava que a implantação do constitucionalismo em Portugal se propagasse à Espanha.” Op. Cit. SOUZA, p. 188.

<sup>15</sup> “Meu querido e amadas filhas. Quis a divina providência coroar meus esforços dando as armas da rainha uma vitória no lado dalém do Tejo no dia 24 do passado e uma muito grande no Porto no dia 25, que me habilitou a partir no dia 27 para esta cidade, onde tenho sido recebido o melhor que se pode imaginar. (...) limitar-me-ei a dizer-vos que a nossa perda em Almada e no Porto não excedeu 300 homens e que a do inimigo passou de 600, (...). Muitos parabéns dou a Chiquinha pelo dia de ontem, grandes saudades foram as minhas. Ah meus amados filho e filhas, quanto é triste para um pai que tanto ama seus filhos como eu os amo, ver-se separado deles! (...)” Op. Cit. 29/05/1833 - Carta de d. Pedro, duque de Bragança, a d. Pedro II e às princesas Januária e Francisca – Referindo-se à guerra e à esperança de vencê-la. IN Horta, Maria de Lourdes Parreiras; Argon, Maria de Fátima Moraes; Costa, Neibe Cristina Machado da (Coords.) Pedro I: um brasileiro. Rio de Janeiro: Petrópolis: Museu Imperial, 1998. CD-ROM.

<sup>16</sup> “[...] Não sois vós, sois meus queridos filho e filhas que sentis não poder celebrar o dia dos anos da vossa mamãe eu também tenho sentido muito ter-me separado dela por tanto tempo, e de vós Deus sabe até quando. Sim meu amado filho, eu não perco ainda as esperanças de vos abraçar. Um dia virá em que a mais a mais completa justiça me será feita e que os nossos concidadãos julgarão melhor aquele que lhes deu independência e pátria. [...].

Os negócios portugueses vão muito bem, graças ao valor do bravo exército que me prezo de comandar em chefe. A causa já não se pode perder, salvo um daqueles reveses que em tais circunstâncias são de esperar. [...].

Certo do amor que me tendes vos dou notícias e vos peço que continueis com aplicação em vossos estudos e deis recados meus ao vosso bom tutor e meu amigo, ao qual agradeço os parabéns que me mandou dos anos de vossa mamãe.” Op. Cit. 17/10/1833 - Carta de d. Pedro, duque de Bragança, a d. Pedro II e às princesas Januária e Francisca – Dando notícias da ação do Exército Libertador. IN Horta, Maria de Lourdes Parreiras; Argon, Maria de Fátima Moraes; Costa, Neibe Cristina Machado da (Coords.) Pedro I: um brasileiro. Rio de Janeiro: Petrópolis: Museu Imperial, 1998. CD-ROM.